

HISTÓRIA DO CLUBE NÁUTICO DE VIANA 1937/2012

Em Portugal, aponta-se a década iniciada em 1850 como época de arranque da modalidade do remo, colocando em confronto embarcações de transporte de passageiros e elementos da Armada, já com grande afluência de público aficionado.

Viana do Castelo, em tempos Viana da Foz do Lima, soube aproveitar o rio e o mar para o incremento de práticas desportivas, destacando-se entre elas o remo, a natação e a vela. Em 1906 a Aurora do Lima já referiu uma prova disputada em Viana, com três escaleres a 4 remos, durante as Festas da Agonia. Depois, em 1913, o Viana Taurino Clube organizou várias regatas, contando com a presença de outros clubes de Viana já existentes e de representações de Lisboa, Porto e Figueira da Foz, disputando-se nesta altura a Taça Rainha D. Amélia, que foi ganha pelo VTC.

A Federação Portuguesa do Remo teve o seu início em 1920, ano em que foram lançadas as bases para a sua constituição, por iniciativa do Clube Fluvial Portuense, da Associação Naval de Lisboa e do Clube Naval de Lisboa. Os clubes de Viana do Castelo existentes à data, inscreveram-se sucessivamente na FPR, sendo o primeiro o SC Vianense em 1 de Julho de 1934, e depois, em 1 de Julho de 1936, o Viana Futebol Clube. Seguiram-se, em 30 de Julho do mesmo ano, o Clube Fluvial Vianense e, finalmente, o Clube Náutico de Viana, em 1 de Julho de 1937. Relativamente ao SCV, sabe-se que ainda esteve presente na reunião de 3 de Maio de 1936, embora tivesse pedido a sua desvinculação em 22 de Julho de 1937 (por desistência da actividade do remo).

Do acima exposto se infere que a inscrição do Clube Náutico de Viana na FPR, coincidiu com a desistência do Sport Club Vianense. Depreende-se que este clube esteve na génese da fundação do CNV, tendo como referência a grande figura impulsionadora do remo vianense Humberto Barros - que depois consagrou grande parte da sua vida ao Club Náutico de Viana - bem como as instalações utilizadas por ambos os clubes enquanto ligados ao remo.

Por isso, e porque o Clube Náutico de Viana detém como mais antigo livro de actas aquele que descreve a curta vida da secção náutica do SCV, concluímos sobre a existência de uma estreita ligação entre ambos, de cujo termo não nos foi possível encontrar documentação esclarecedora, embora detectássemos algum desencanto da parte do SCV..

Esse livro de actas que permaneceu na posse dos órgãos directivos do Clube Náutico de Viana refere, no respectivo termo de abertura, a data de 22 de Março de 1934.

Na verdade, a primeira reunião nele citada refere uma Comissão Organizadora presidida pelo eng.º Alberto Vilaça, da qual faziam também parte os srs. dr. António Palhares Martins Delgado, Abel Roma Torres, Humberto de Barros Domingues da Conceição e Miguel Júlio dos Reis Lemos, *a fim de, como sócios daquele clube (Sport Club Vianense) e nomeados pela Comissão Administrativa do mesmo, procederem à organização de uma secção náutica e gerirem os seus destinos durante o período de organização, de acordo com o estabelecido em Assembleia Geral de 17 de Março de 1934.*

Esta citação decorre de uma inovação introduzida na estrutura do Sport Club Vianense, que, tendo decidido criar a sua própria secção náutica, acabou por dar um vigoroso impulso ao remo em Viana do Castelo, na senda da actividade já existente nessa época. As bases

para a constituição dessa secção, foram também definidas pela Comissão Administrativa do Sport Club Vianense.

Uma das primeiras iniciativas da Comissão Organizadora, foi a compra de um barco escola de remo, que Humberto de Barros propôs em termos precisos: *será construído um barco escola de remo, tipo “yolle de mer”, a quatro remos, forquetas giratórias à borda, assentos fixos ou móveis, com nove metros e cinquenta centímetros de comprimento, um metro de boca e quarenta centímetros de pontal, em madeira de cedro, remos de pinho, tudo orçamentado em esc. 700\$00.* Ele próprio, Humberto Barros, se encarregaria da sua construção.

Por esta altura, o Presidente da secção náutica deu conhecimento da extinção do Club Náutico Vianense, cujos dirigentes fizeram constar que entregariam todo o seu espólio à recém-criada secção, que recomendariam aos seus atletas que aí continuassem a respectiva actividade, e que fariam transitar para o seu cofre a importância de esc. 528\$65, importância que o Club Náutico Vianense detinha nesse momento..

Ainda no ano de 1934, o Sport Clube Vianense cedeu à sua secção uma máquina de remar de 1 lugar, ficando assente que Humberto Barros diligenciaria o respectivo arranjo. Nesta altura, o dr. António Delgado, em representação da Direcção do SCV, efectuou a entrega das bases programáticas para a constituição da secção, que passou a designar-se Secção Náutica do Sport Club Vianense.

Este arranque da Secção demonstrou uma forte vontade e dinamismo dos seus elementos, quando ficou decidida, ainda em 1934, a compra de 3 escaleres pertencentes ao Viana Taurino Club, identificados como “Viana”, “Taurus” e “Lima”, bem como a baleeira “Altamira”, mais todos os aparelhos náuticos do VTC, cujo custo total se cifrou em 4.483\$25. Por forças da celebração deste contrato de venda, o VTC cedeu a chave e todos os seus direitos sobre o armazém localizado no “Sítio do Aterro“, que era pertença de José Pedro Pimenta da Gama.

E foi em 20 de Julho do ano de 1934, que Humberto de Barros informou que se encontrava aberta a escola de remo da Secção Náutica do Sport Club Vianense, de cujo funcionamento ele próprio se encarregou, protagonizando assim o início de uma presença marcante no remo vianense. Entretanto, já fora concretizada, em 1 de Julho desse ano a inscrição da Secção na FPR, cujos custos foram suportados pelo SCV.

Em 20 de Março de 1935, a Comissão Organizadora, enfrentando já alguma falta de espaço no “Armazém do Aterro”, decidiu alugar um armazém situado na Rua do Cais - que era pertença de Abel Francisco Lopes -, pela quantia mensal de esc. 50\$00. Mais tarde, ainda no mesmo ano, sabendo que ia ficar devoluto um armazém situado no Largo 5 de Outubro – onde funcionava a mercearia Maciel -, foi decidido declinar os compromissos firmados com os proprietários dos outros dois armazéns, estabelecendo novo compromisso para este espaço, mediante retribuição mensal de 150\$00 a partir do dia 01 de Maio desse mesmo ano.

Em 23 de Setembro de 1934, a convite do Club Fluvial Esposendense, a Secção Náutica do Sport Club Vianense disputou uma prova no rio Cávado, fazendo-se representar com o escaler de 4 remos “Diana”, tripulado por João de Deus Cavalheiro, Paulo de Lemos Costa, J. Faria Barbosa e J. Branco Cerqueira, com Humberto de Barros a timonar. Esta representação obteve o segundo lugar na prova e foi louvada pela Comissão Organizadora.

Em 20 de Junho de 1935, a Comissão Organizadora decidiu dinamizar o remo local,

convidando os clubes União S.C. e Viana F.C., a comparecerem na sua Sede para acordarem os termos dessa cooperação, nos quais se incluía o empréstimo de um escaler a cada uma das colectividades, iniciando-se assim um período de provas realizadas no Rio Lima, dadas as dificuldades de que se revestiam as deslocações a outras terras, tanto no aspecto logístico como financeiro.

A última sessão ordinária da Direcção da Secção Náutica do SCV de que há registo, efectuou-se em 5 de Agosto de 1946 e nela estiveram presentes o Presidente Alberto Vilaça, o Vice Presidente Humberto de Barros, o 1º Secretário Domingos M F Pereira de Almeida e os vogais Domingos Couto Leite e António Inácio C. Maciel. A acta que consultamos, segue-se a uma larga interrupção na sua elaboração e indicia um certo alheamento dos jovens de Viana pelo remo, aliás confessado por altura das bodas de ouro do SCV, numa publicação comemorativa:

Outras modalidades desportivas (para além do futebol), o nosso clube praticou. O ténis viveu e teve o seu período áureo. Mas, tal entusiasmo, pouca dura teve. Desfeito o court de ténis do nosso campo, pode-se dizer que esta modalidade também desapareceu. Praticou-se o atletismo, a esgrima, o hipismo e outras modalidades que, sem terem criado numerosos adeptos, chegaram, contudo a ser promessas. A mocidade não é persistente, vai só até certo ponto e, depois, desiste. Hoje, a nossa actividade limita-se ao futebol e à nataçõ e é pena que assim seja. A nossa mocidade prefere o ambiente pesado dos cafés...

A declaração deste evidente desalento coincide com o termo das actas da secção náutica, o que confirma a desistência do SCV da modalidade do remo em 1937, mantendo apenas a nataçõ como actividade náutica.

Humberto Barros, então director e treinador da Mocidade Portuguesa local, foi substituído, em 1973, por Rui Amorim como director e Armando Loureiro como treinador. Na altura assistiu-se à reafirmação do remo em Viana, embora com curta duração, na sequência da desistência de Armando Loureiro. Este último, logo após o 25 de Abril de 1974, assumiu a responsabilidade, perante o Comando Militar de Viana do Castelo, de ser o fiel depositário das instalações e de todo o material da ex-Mocidade Portuguesa. Nessa altura foi formada a primeira Escola de Remo pós 25 de Abril, que se integrou mais tarde no âmbito da Direcção Geral dos Desportos, com a designação de Escola de Remo e Canoagem da Direcção Geral dos Desportos de Viana do Castelo.

Entretanto, nesta altura, Humberto Barros liderava o Clube Náutico de Viana, assistindo-se à falta de conjugação de esforços entre este clube e a escola da DGD, que por isso solicitou ao SCV que se reinscrevesse na FPR, a fim de produzir conveniente aproveitamento dos jovens treinados na escola.

Em 1973, na sua acta de 13 de Junho, o CNV registou a suspensão de vários dos seus atletas, por alegada insubordinação e desrespeito para com dirigentes e sócios colaboradores. Por força dessa decisão, encontra-se registada a quase inexistência da actividade do remo no CNV, mercê do afastamento destes atletas. Nessa mesma acta, fez-se a primeira alusão à impossibilidade do clube manter a sua actividade no Armazém da Alfândega, invocando-se a necessidade de novas instalações. Dessa diligência ficou encarregado o Vice-Presidente Humberto de Barros, que prometeu desencadear os maiores esforços nesse sentido, mantendo informada a Direcção. E foi em 08 de Dezembro desse mesmo ano que a Direcção tomou conhecimento *da instalação da garagem do clube no*

parque da Argaçosa, sendo de registar a dedicação do vogal Manuel Rodrigues P. do Rego na sua muito trabalhosa armação e construção interior do dispositivo de arrumo das embarcações. Salientada foi também a colaboração prestada pelo Eng^o. Director da Junta Autónoma dos Portos do Norte, acrescentando a este registo, referências elogiosas à dedicação do Vice-Presidente Humberto de Barros, e às ajudas materiais e/ou financeiras concedidas por Manuel Cunha, António Vieira Paula Santos, Alexandre Barbosa, Humberto Barros, José Manuel Sampaio dos Santos e Luis Brito, da firma Brito & Passos desta cidade.

O diferendo então existente entre o CNV e a Escola de Remo da DGD manteve-se durante algum tempo, permitindo ao SCV arrecadar alguns títulos, mercê da sua solicitada reinscrição na FPR, até que, em 1975/76, o CNV alterou a sua política, proporcionando livre acesso à prática da modalidade a estes jovens atletas.

Alguns dos melhores remadores de Viana do Castelo engrossavam, entretanto, as fileiras do vizinho SC Caminhense, por discordância com as orientações produzidas no CNV e alegando “a sua inactividade”. Daí que (também por divergências destes atletas com a Direcção do SC Caminhense), em 1977/78 se fundasse em Viana a Associação de Remadores para a Competição (ARCO), com evidente prejuízo do CNV, que assistiu à debandada de vários remadores para a ARCO, conseguindo manter-se em actividade em condições muito precárias, baseado na persistência dos seus corpos gerentes, do corpo técnico e de alguns, muito poucos, atletas seniores que se mantiveram fieis ao clube e foram cumprindo as provas do calendário, utilizando embarcações degradadas e desactualizadas.

Desde essa altura e até ao presente, ambos os clubes competiram entre si, beneficiando o remo vianense com as suas escolas, mas sofrendo várias vezes com novas saídas dos seus atletas para o SC Caminhense, atraídos por melhores instalações e por melhores condições, estas últimas no que diz respeito às embarcações.

Ambos os clubes – ARCO e CNV – mercê do seu esforço e da sua dedicação ao remo e ao desporto, conseguiram beneficiar do estatuto de utilidade pública, facto que os engrandece e beneficia.

Os últimos corpos gerentes do CNV, por vontade própria e dos seus associados, e por incentivos provenientes da Câmara Municipal de Viana do Castelo, tiveram oportunidade de unir esforços com a ARCO, na senda de uma fusão que facultasse a dignificação das estruturas utilizáveis, o pleno aproveitamento do potencial humano existente em Viana e o encaminhamento de apoios para uma única estrutura. Daí resultou um novo clube – Viana Remadores do Lima (VRL) -, cuja Comissão Instaladora preparou, durante os anos 2012/2013, o arranque de uma nova era para o remo vianense, acompanhando a construção das novas instalações também sedeadas na Argaçosa, preparando os futuros instrumentos de gestão interna, perspectivando as eleições para os futuros corpos gerentes, mantendo funcionais as instalações em uso, contratando o corpo técnico e proporcionando continuidade na prática do remo.

A vida já longa do Clube Náutico de Viana exige, pela riqueza que encerra, ser relatada nos seus pormenores, e nos seus bons e maus momentos. Contudo, a vida atribulada que

enfrentou ao longo dos tempos, aliada às mudanças de instalações e a momentos dramáticos da sua existência, proporcionaram a perda, quiçá a preservação por particulares, de muita informação de inestimável interesse. Nos próprios livros de actas existentes se referem reinícios nos respectivos termos de abertura, por desconhecimento do paradeiro de livros anteriores. O Clube Náutico de Viana, merece que toda a documentação seja reunida, para que a sua vida o seja também, e cabe aos respectivos associados identificar o paradeiro dessa informação, antes que a mesma se perca definitivamente, esquecida nos escaninhos de alguma velha arca.

Os últimos corpos gerentes do Clube Náutico de Viana foram os seguintes:

Assembleia Geral

Direcção

Clodomiro Guimarães

Filomena Oliveira

Conselho Fiscal

A Comissão Instaladora do VRL foi composta por (ordem alfabética):

António Cruz (ARCO)

Cândido Morais (CNV)

Clodomiro Guimarães (CNV)

Diana Rio (ARCO)

Fernando Raúl Cruz (ARCO)

Filomena Oliveira (CNV)

João Delgado (CNV)

José Adamastor (ARCO)

José Esteves (ARCO)

Miguel Moreira (CNV)

Elaborado por ...Cândido Morais em 2013